

VIOLÊNCIA SEXUAL

CRIME INVISÍVEL

REPORTAGEM: KATILAINE CHAGAS E MAYRA BANDEIRA | ILUSTRAÇÃO: ARABSON DE ASSIS

A cada 40 horas, um estuprador destrói uma vítima no ES

Crime muitas vezes silencioso, estupro deixa marcas no corpo e na alma

Olívia, 23 anos, quer muito denunciar o homem que abusou dela por quase cinco anos, dos 3 aos 7. Mas sua família acha que é melhor não tocar no assunto, para “não trazer mais sofrimento”. Joana, também de 23, conseguiu denunciar seu estuprador, um homem que se sentiu no direito de fazer sexo com ela, por ela estar dormindo profundamente após ter bebido. Maria, 35, só descobriu que era vítima de violência sexual do marido quando o filho dela, cansado de ver a mãe apanhar, chamou a polícia. “Só na delegacia descobri que era estuprada.” Ela achava que era sua obrigação como esposa ceder. Não era. E não é.

Essas são algumas entre tantas e tantas histórias de crianças e mulheres estupradas. Apesar de marcantes na vida delas, tornaram-se invisíveis aos olhos dos outros. E provavelmente nunca serão contadas e ouvidas, mesmo que a estatística oficial denuncie um caso como esses a cada 11 minutos no Brasil, segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (um a cada 40 horas no Espírito Santo). Foram 47.646 estupros no país, no registro mais recente, que ficam ainda mais devastadores quando o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) indica que esses são apenas 10% das notificações.

Histórias silenciadas porque geralmente não têm testemunhas, e pelo estigma que deixam em suas vítimas, marcadas pela dor e constrangimento que levam ao sofrimento da solidão, reforçando uma cultura do estupro. “Não dói o útero, e sim a alma”, disse a menina de 16 anos vítima de um estupro coletivo estarrecido na semana passada, quando 33 homens, armados, doparam e violentaram a jovem numa favela do Rio de Janeiro (veja mais na página 17).

Muitas desistem de denunciar e de pedir ajuda, e temem o tratamento que receberão do poder público, seja no primeiro atendi-

mento policial ou na rede de saúde, seja quando lhes é negado o acesso ao abortamento legal, direito previsto em lei desde 1940.

“Revelar para outra pessoa uma situação de abuso sexual é muito difícil para a maioria das mulheres. Esse é um fenômeno presente no mundo todo”, diz o obstetra Jefferson Drezett, chefe da equipe de abortamento legal do Hospital Pérola Byington, em São Paulo.

Outra marca desumana do estupro é o risco de não restarem provas físicas da violência e assim dificultar a punição do criminoso. Se reagir, um vestígio do agressor pode aumentar as chances de justiça, mas a resistência aumenta o risco de morte. Não reagindo, são menores as chances de o agressor lhe deixar marcas, mas são maiores a de sair viva.

“Quando ela ficou quieta porque estava com medo porque o cara tinha uma arma, porque ele disse que se ela não transasse com ele, ia estuprar a filha dela, nesses casos é que a caracterização é mais difícil”, exemplifica Denise Terra, médica-legista aposentada.

É o caso da Leila, 20, sequestrada aos 17 com a irmã mais nova e

uma amiga por um homem que a todo tempo as ameaçava com um facão. “Ele foi para cima da minha irmã. Foi então que me ofereci. Ela era uma menina, tinha 15 anos, não podia passar por aquilo.”

E quando as vítimas são crianças? “Na criança o complicado é que na maioria dos estupros não há penetração. A maioria dos abusadores tocam a região do corpo e pedem para as crianças fazerem outras coisas. A criança tem o relato, mas você não acha às vezes nada. Aí não tem prova material desse crime”, lamenta Denise Terra.

LEI

O Código Penal Brasileiro descreve estupro como ato de “constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso”. Se essas palavras forem difíceis de entender, podem ser compreendidas assim: se o contato sexual, com penetração genital ou não, não tem consentimento de ambas as partes, é estupro.

E isso se a vítima for maior de 14 anos. Com menos que isso, não há nem que se falar em permissão ou



Apesar de todos os avanços da mulher na sociedade, do ponto de vista social, o homem detém mais poder”

—
Luciana Bicalho, psicóloga

em “relação consensual”. É estupro e ponto. E o nome correto é estupro de vulnerável. Nesse grupo, entram também vítimas que por enfermidade ou deficiência ou qualquer outro motivo não tenham discernimento para a prática e, por isso, não possam oferecer resistência. Ou seja, dizer que a ví-

tima estava bêbada não é desculpa para se permitir ter qualquer contato sexual com ela. É crime.

“A lei nesses casos é sábia. Quando se trata de hipossuficientes, eles não têm capacidade de discernir se querem ou não representar queixa. Isso independe também da vontade dos pais ou de algum responsável”, destaca Lorenzo Pazolini, titular da Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA).

RELAÇÃO DE PODER

Há quem queira crer que o que leva um pai a estuprar a filha, um marido a violentar sua mulher, um ser a abusar de outro é alguma doença. A constatação triste é de que, em boa parte dos casos, a motivação passa longe disso.

A coordenadora do curso de Psicologia da UVV, Luciana Bicalho, cita estudos que até mostram que alguns agressores foram vítimas de violência na infância: “Mas isso não explica a totalidade de condições de violência contra a mulher. Então parte disso fica melhor compreendido por causa de questões sociais que produzem a ideia da mulher como um objeto de posse e o homem nesse lugar de privilégio”.

Isso explicaria, em parte, casos de estupro executados por quem não tem histórico de violência, mas o fez quando achou oportuno. Casos de homens que violentaram mulheres em festas universitárias, após a vítima ingerir bebida alcoólica, são exemplos disso.

“Na ação do estupro está colocada uma posição de poder sobre o outro. E muitas vezes é esse poder exercido sobre o outro que mais dá prazer. Não é nem o ato sexual em si”, avalia a psicóloga Mirian Cortez, gerente de Proteção à Mulher, da Secretaria de Estado da Segurança Pública (Sesp).

“Tem a relação de poder tanto entre os gêneros quanto a do poder hereditário, do pai sobre o filho”, acrescenta a médica psiquiatra Andressa Perobelli.

203
CASOS

▼ Estupro

É o que mostra o levantamento feito pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública em relação aos casos de violência sexual registrados no Espírito Santo, em 2015.

11 
MINUTOS

▼ Frequência

Uma pessoa é violentada no país. É a estimativa de tempo baseada nos 47,6 mil casos de estupro registrados no Brasil, em 2014. Os dados levam em conta apenas os boletins de ocorrência.

238
PROCESSOS

▼ Justiça

São os processos em tramitação na Justiça do Espírito Santo relacionados a abuso sexual, segundo o Tribunal de Justiça do Estado. Tramitam outros 74 casos de assédio sexual.

V

“Os três abusaram de mim sem piedade”

“Era criança quando fui estuprada pela primeira vez. Um tio meu me molestava sexualmente. Não lembro quanto durou. Na segunda vez, tinha 17 anos e estava em busca de emprego, tinha acabado de vir do Rio. Um homem parou de carro na faixa de pedestres e perguntou se conhecia alguém que trabalhasse em fábrica de costura. E eu por coincidência já tinha trabalhado em várias fábricas de costura no Rio. Então falei ‘poxa, moço, cheguei do Rio agora, tô precisando trabalhar e tenho uma certa experiência’. Ele me perguntou se eu queria ir até lá para conhecer o lugar. ‘Se você gostar do trabalho, você fica’, ele disse. Infelizmente caí na besteira de entrar no carro. A terceira vez foi no período de carnaval. Tinha saído com uma prima, a mãe dela e minha outra irmã. Estávamos brincando e tinham uns caras querendo passar a mão nas duas, que são mais novas que eu. Então troquei de lugar com elas. Eles me deram um murro no pescoço. Deu uma confusão e fomos embora. No dia seguinte, fomos de novo para o carnaval. Estava atrás do palanque quando vieram os três da noite anterior, armados, e me levaram até a praia. Os três abusaram de mim sem dó nem piedade. Eles pegaram a alça do meu biquíni e amarraram meus pés e minhas mãos. Depois, me jogaram no mar. Antes de irem embora, disseram que se eu desse parte deles, iam me caçar no inferno e me matariam.

Aí começou a peregrinação de corpo de delito. A sensação que você tem é de que procurou aquilo. Não sei dizer se foi pior ser estuprada ou estar sendo tratada como se você tivesse buscado por aquilo. Não fizeram questão nenhuma de me poupar. Me trataram como um boneco.

Consegui seguir adiante e os três foram presos, mas não ficaram nem uma semana na cadeia. Na delegacia, eles disseram que eu queria, que estava atrás de drogas. Mesmo com as marcas no meu corpo... Passei a ser a fugitiva, com medo deles. Fiquei um bom tempo sem sair de casa. Infelizmente até hoje vivo com essa culpa. Não consegui fazer um acompanhamento psicológico. Comecei num posto, mas nas duas primeiras consultas, que eram com um homem, minha mãe pôde entrar. Na terceira, minha mãe já não pôde. E a sensação que eu tinha era de que aquele homem iria para cima de mim de qualquer maneira. As pessoas dizem ‘tem mais de 20 anos que aconteceu, você tem que levar a vida para a frente’. Tento.

Namorava com meu marido quando isso aconteceu. Disse que ele podia ir, mas ele resolveu continuar e acabou sofrendo as consequências junto comigo. No começo, quando ele encostava em mim, sentia nojo, queria tirar de perto de mim. Já aconteceu de eu pegar sobrinho meu, bebê, no colo e devolver logo para a mãe porque eu achava que estava sujando aquela criança porque ele era inocente.

É bom falar sobre isso porque você tira um pouco do peso. É bom falar para as pessoas perceberem que ninguém tem direito de atropelar as suas coisas e interromper a sua vida.”

DANDARA, 43 ANOS



Saiba onde procurar ajuda:
www.gazetaonline.com.br

É consenso entre profissionais que lidam com essa violência que não há perfil de vítima. Atinge mulheres de todas as classes sociais. A diferença é que famílias mais pobres acabam mais em serviços de referência de saúde e entram, assim, nas estatísticas. As com mais dinheiro vão para consultórios particulares e são atendidas em sigilo, para evitar o estigma. Há ainda as que não denunciam por vergonha ou por medo.

ATAQUE

Perfil de vítima não existe, mas profissionais apontam padrões de ataque. “A maioria dos casos contra crianças acontece dentro do espaço privado, principalmente a residência da criança e do agressor”,

explica Jefferson Drezett.

No caso da mulher adulta, pode ser tanto alguém íntimo quanto um desconhecido, quando acabam atacadas em suas atividades cotidianas na rua. “Com adolescentes, vai ser parecido com o da mulher adulta se ela estiver na segunda metade da adolescência ou o da criança, se estiver na primeira metade”, conclui Drezett.

O sentimento comum à maioria das vítimas é o de culpa. É usual se perguntarem o que poderiam ter feito para evitar. “Infelizmente, até hoje vivo com essa culpa”, relata Dandara, 43, estuprada por três homens quando era adolescente. Mas uma certeza em todas essas histórias é a de que a culpa nunca, nunca mesmo, é da vítima.

NÚMEROS SÃO DIVERGENTES

Os números oficiais disponíveis no Espírito Santo para o crime de estupro são conflitantes e variam de acordo com o órgão. Números subnotificados e parciais colocam o Espírito Santo numa posição “confortável” na estatística, como o Estado onde há menos estupro no Brasil, reforçando a invisibilidade do crime.

Dados da Vigilância de Violências e Acidentes (VIVA) ligada ao Ministério da Saúde apontam que foram registrados no Espírito Santo 492 casos de estupro em 2015. Sendo que na maioria deles, 88% foram mulheres, adolescentes nas

faixa de 10 a 19 anos (48%), e de raça/cor parda (38%). Em 2014, os dados foram de 406 ocorrências.

Por outro lado, o levantamento mais recente do Anuário Brasileiro de Segurança Pública indica 203 casos também em 2015, com base na Secretaria Estadual de Segurança Pública (Sesp). Em 2014, foram 238 denúncias.

A reportagem usou os dados da 9ª edição do anuário, considerando as informações da Sesp. Os índices são assustadores e mostram o registro de 47.646 casos de violência sexual no país, segundo a polícia.

Já o levantamento feito pela Secretaria Nacional de Segurança Pública (Senasp) aponta que 418 ocorrências chegaram até as delegacias em 2014 no Estado.

Mas não são todas as vítimas que procuram a polícia ou atendimento médico. No ano passado, o Fórum Brasileiro de Segurança (que produz o anuário) estimou que apenas 35% dos crimes sexuais são notificados.

Porém, de acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), esse percentual é ainda menor, com apenas 10% de estupros denunciados.



A escritora e criminalista Ilana Casoy é especialista no assunto e em traçar perfis psicológicos de assassinos e outros criminosos, como os de casos de estupro

Estupradores estão em qualquer lugar

Alguns passam despercebidos e têm perfis distintos na hora de cometer o crime

▄ Eles circulam entre nós, despercebidos, alguns até passam uma certa sensação de inocência. Os estupradores podem ter perfis distintos e agir por razões diferentes, mas, em comum, todos têm a capacidade de conviver em família sem serem notados e a disposição para usar extrema violência.

Não é só nos seriados que a polícia usa o trabalho do “perfilador” para identificar um abusador sexual e ajudar na elucidação de casos. A criminologista Ilana Casoy, especialista em traçar o perfil psicológico de assassinos e autora de livros sobre a mente de criminosos, explicou quais as características de cada um, como agem, o que pensam e como se comportam.

Romântico

Esse tipo é o menos agressivo e o mais difícil de a vítima denunciar. É a palavra dela, justamente porque não costuma deixar marcas.

É socialmente competente; tem baixa autoestima; não é do tipo atlético; é um homem que-

to, calmo; geralmente é solteiro, de poucos amigos e é visto como alguém de confiança, servil e pode sofrer de várias disfunções e desvios sexuais.

Quando esse indivíduo age, a intenção dele é elevar a autoestima. Controlando o ato sexual, vai validar a posição dele de importância. Usa de pouca força.

Este tipo, por mais incrível que pareça, pode se preocupar com a vítima. Já teve caso de estuprador com esse perfil dizer: “Ó não esquece de colocar o casaco, que tá frio”.

É um estuprador que em geral não faz a vítima tirar a roupa toda. É o único capaz de entrar em contato com a pessoa após o estupro, por acreditar que aquilo foi um encontro.

Para interrogá-lo, a polícia tem que apelar para o senso de “cavalheirismo” dele. É um interrogatório no clima de mais camaradagem.

Vingador

Esse é um indivíduo que o objetivo dele é machucar a vítima.

Não gosta de mulher e quer ficar zero a zero com elas pelas injustiças que sofreu, sejam elas reais ou imaginárias.

Ele se caracteriza da seguinte forma: é atlético e masculino. A imagem do típico machão; tem profissões de ação; pode ser casado, mas mantém casos extraconjugais; é pávio curto e tem temperamento mais violento; rasga, arranca a roupa e bate. Ele tem uma fúria, degrada e humilha muito a vítima

O tipo vingador conhece a vítima dele, ela não é uma desconhecida. Tende a cometer o estupro perto de casa em ataques repentinos. Ele planeja pouco e não faz sexo, ele demonstra raiva. O que dá prazer a ele é a agressão.

Nunca faz contato depois do estupro. Quando a polícia vai interrogar esse estuprador, tem que colocar um homem para fazer isso. Difícilmente vai cooperar com uma policial mulher.

Dominador

Aqui se tem um indivíduo que no estupro expressa sua virilida-



Nem todo estuprador, de qualquer tipo, é um criminoso com problemas psicológicos”

“Tem também a figura do machão que pensa que pode fazer o quiser com uma mulher”

de, sua superioridade. Pensa que é isso que os homens de verdade fazem com as mulheres. O estupro é um ato predatório. A agressão vai servir para submeter a vítima e torná-la obediente a ele. Ela está lá para servi-lo.

Este tipo costuma ter problemas domésticos e uma série de casamentos desfeitos; é um cara apessoado, bem vestido e arrumado; frequenta bares e vende a imagem de machão; tem uma profissão tradicionalmente masculina; pode ter um problema sexual tipo ejaculação retardada.

Costuma selecionar as vítimas em bares. O ataque do dominador é brutal. Uma mistura de violência física e mental. Ele dá comandos para que as vítimas obedçam e quanto mais elas resistem, mais ele aumenta a força.

Amedronta muito e não esconde a identidade com máscaras e outros truques. Escolhe locais bem seguros para o estupro. Para interrogar esse tipo tem que conhecer muito bem o caso.

Ele só vai responder se o interrogador tiver fatos e provas, não suposições.

Sádico

É o tipo mais perigoso de todos. Ele tem fantasias sexuais agressivas e o propósito dele é infringir dor física e psicológica na vítima.

O sádico tem personalidade antissocial e não suporta críticas; quanto maior a agressão, maior a gratificação sexual; pode ser casado e considerado um homem de família; é comum ter profissões de colarinho branco; é super compulsivo com as aparências. Mantém tudo em ordem; é um sujeito inteligente; não costuma ter antecedente criminal e é muito hábil de escapar da polícia; planeja tudo com muito cuidado; costuma usar mordaca, fita adesiva, algema e venda nos olhos.

Ele seleciona a vítima com cuidado. É muito provável que um dia comece a matar pelo excesso de violência. O dominador vai cometer o estupro em um local onde pode controlar a ação, mas longe de casa. A venda nos olhos, por exemplo, é para aumentar o medo da vítima. Usa linguagem muito degradante. Quando se interroga uma vítima desse tipo, é muito importante que elas digam qual foi o texto que ele usou.

As vítimas são obrigadas a falar certas palavras ou frases que o excitam. Ele tem um kit estupro, tudo o que precisa está com ele, pode até filmar. A palavra remorso não faz parte do vocabulário dele. Esse é um indivíduo que pode vir a matar em série. Como foi o caso do maníaco do parque - que confessou ter estuprado e matado dez mulheres em 1998, na região do Parque do Estado, em São Paulo.

Os investigadores concluíram que o objetivo dele era machucar as mulheres, a quem culpava pela disfunção erétil.

Oportunista

É um tipo bem comum, eles não são principalmente estupradores, eles se aproveitam de uma outra situação para cometer o estupro. Isso acontece em casos de assalto a residências, a vítima está ali, sem defesa.

É um sujeito sexualmente egoísta; quer uma gratificação imediata; usa mínima força e pode até fazer uso de remédios, álcool e drogas.

Os mais difíceis de se pegar são os que usam "boa noite, cinderela" ou colocam drogas nas bebidas das pessoas. A vítima não tem como relatar ao certo o que aconteceu e provavelmente vai ter dificuldade de provar o estupro.

Aqui cabem também aqueles que juram que a vítima consentiu, que queria. Mas, ao menor sinal de resistência dela, se tornam violentos.



DENÚNCIA

VÍTIMA PROCURA ALGUMA AUTORIDADE PÚBLICA

Delegacia ou Ministério Público

INVESTIGAÇÃO

- Investiga-se o fato, a vítima é ouvida, suspeito também e eventuais testemunhas
- O investigado passa da condição de suspeito a acusado assim que o inquérito é remetido à Justiça

AÇÃO PENAL

- O inquérito é instaurado, dependendo do que foi apurado na investigação, com reunião de provas e testemunhos e depois é encaminhado para o Ministério Público. Se considerar que há elementos suficientes, o MPES denuncia o acusado à Justiça por meio de uma ação penal

- Se for maior de 18 anos, a representação tem que ser feita pela vítima
- Se for menor de 18, a representação é feita por um responsável (familiar ou não) ou Conselho Tutelar

18+

JUSTIÇA

RECEBIMENTO

- Com o recebimento da denúncia, o processo criminal está instaurado
- O juiz cita o acusado para apresentar defesa. O prazo geralmente é de 10 dias
- Durante o processo, vítimas, testemunhas e réu(s) são ouvidos. Entre as testemunhas, pode ter um perito ou qualquer outro profissional envolvido no atendimento à vítima

CONFISSÃO

- Em caso de confissão, o juiz dá um atenuante, que pode ser o estabelecimento de pena mínima
- Se não confessar, abre-se vista para o promotor fazer as alegações finais. Se considerar que as provas não foram suficientes, ele próprio pode pedir improcedência da denúncia. Se achar que foram, pede a condenação

RECURSO

- Se condenado, o acusado pode recorrer ao Tribunal de Justiça e, depois ao Superior Tribunal de Justiça (STJ). Pode também ao Supremo Tribunal Federal (STF), a decisão de alguma forma ferir a constituição federal

CONDENAÇÃO

- Tem uma pena alta, de 6 a 10 anos, e é crime hediondo. Em tese, o acusado tem o direito de recorrer em liberdade. Mas nada impede que o juiz, durante o processo, determine a prisão preventiva
- Mas entendimentos recentes apontam ser possível a determinação de prisão quando a decisão é dada por órgão colegiado, ou seja, grupo de juízes, como é o caso do Tribunal de Justiça, do STJ e do STF

PECULIARIDADES

PROVAS

- Geralmente é um crime sem testemunhas, com limitação de produção de provas
- É um crime que pode deixar vestígios, caso haja conjunção carnal. Mas nos casos em que isso não ocorre, a coleta de provas fica mais difícil



ESTUPRO

Pelo Código Penal, para ser considerado estupro, não é preciso haver conjunção carnal

PALAVRA DA VÍTIMA

Na inexistência de provas e de testemunhas, depoimento de vítima tem valor legal

Estupro: pelo Art. 213 do Código Penal, é constringer alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso. Ou seja, uma passada de mão sem consentimento é considerado estupro

Pena

- Quando a vítima for maior de 18 anos reclusão de 6 a 10 anos
- Se a vítima for maior de 14 anos e menor de 16 ou se a conduta resultar em lesão corporal grave Reclusão de 8 a 12 anos
- Se a vítima morrer reclusão de 12 a 30 anos

VIOLAÇÃO SEXUAL MEDIANTE FRAUDE

Ter conjunção carnal ou praticar outro ato libidinoso com alguém, mediante fraude ou outro meio que impeça ou dificulte a livre manifestação de vontade da vítima

Pena

- Reclusão de 2 a 6 anos
- Se o crime for cometido para obter vantagem econômica, aplica-se também multa

ASSÉDIO SEXUAL

Constringer alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes ao exercício de emprego, cargo ou função

Pena

- Detenção de um a dois anos
- A pena é aumentada em um terço se a vítima for menor de 18 anos

ESTUPRO DE VULNERÁVEL

Ter conjunção carnal ou praticar outro ato libidinoso com menor de 14 anos. O mesmo vale se a vítima, por enfermidade ou deficiência mental, não tem o necessário discernimento para a prática ou ato, ou que, por qualquer outra causa, não pode oferecer resistência

Pena

- Reclusão de 8 a 15 anos
- Se resultar em lesão grave, reclusão de 10 a 20 anos
- Se resultar em morte, de 12 a 30 anos

SATISFAÇÃO NA FRENTE DE CRIANÇAS

Praticar, na presença de alguém menor de 14 anos, ou induzi-lo a presenciar conjunção carnal ou outro ato libidinoso, a fim de satisfazer lascívia própria ou de outrem

Pena

- Reclusão de 2 a 4 anos

TRATAMENTO PSICOLÓGICO É FUNDAMENTAL

▄ Familiares de vítimas de estupro devem ficar cientes de que, apesar da crença popular, nem sempre o tempo cura tudo. Se não tiver tratamento, as consequências psicológicas podem perdurar por décadas. Dandara foi estuprada aos 17 anos e até hoje, aos 43, passa por fases de profunda depressão. "As pessoas dizem 'tem mais de 20 anos, você tem que levar a vida para a frente'. Eu tento."

Em contrapartida, é na própria família, nos amigos da igreja e na fé em Deus que ela encontra forças para tocar a vida. "As pessoas da igreja e da minha família me ajudam muito", afirma Dandara.

O impacto que a violência sexual terá vai variar de acordo com a vítima. Mas algo é certo: ter ajuda psicológica é fundamental para lidar com o trauma. "É pouco provável que uma pessoa que passe por uma situação assim se recupere totalmente sem nenhum tipo de auxílio", diz a psicóloga Luciana Bicalho.

No Estado, o local de referência é o Programa de Atendimento às Vítimas de Violência Sexual (Pavivis), que funciona no Hospital Universitário Cassiano Antônio de Moraes (Hucam), em Vitória. De qualquer forma, por lei, qualquer serviço de saúde pública tem que ser capaz de atender vítimas de estupro ou, no mínimo, dar orientação sobre onde buscar ajuda.

PALAVRAS

Cuidado primário que familiares e profissionais que vão atender a uma vítima devem ter é de não reforçar o sentimento de culpa. "As suas palavras ou podem ser avassaladoras ou um bálsamo de salvação para aquela pessoa", afirma Getúlio Souza, psicólogo do Pavivis.

"Muitas vezes alguns profissionais não preparados, que estão atuando na rede que deveria fornecer suporte, acabam reforçando essa ideia de que a mulher de algum modo foi responsável por aquilo. Isso só piora a condição psíquica e emocional", relata Luciana Bicalho.

A médica psiquiatra Andressa Perobelli cita que a curto prazo as vítimas apresentam ansiedade, insônia e despersonalização, em que o paciente tem episódios recorrentes de que o que está vivendo não é real.

Os depoimentos das histórias relatadas na reportagem são reais, mas os nomes das vítimas são fictícios.

VIOLENCIA SEXUAL CRIME INVISIVEL

Leia amanhã: a via-crúcis para punir um estuprador.

Depoimentos em vídeo no Gazeta Online

Jornalistas leram os relatos de vítimas de estupro em produção multimídia disponível na internet

▄ Jornalistas da Redação Multimídia da Rede Gazeta gravaram vídeos onde leem depoimentos de vítimas de estupro ouvidas na série de reportagens que começou neste domingo. As gravações estão disponíveis no Portal Gazeta Online, juntamente com uma produção multimídia especial sobre o assunto.

“Originalmente, a ideia de usar áudios veio das repórteres Mayra Bandeira e Katilaine Chagas, que assinam a série”, explica o editor Geraldo Nascimento.

A preocupação principal era em não expor as vítimas.

“Escrever somente os depoimentos delas também era algo que dava um tom meio frio no online. E eram depoimentos tão emocionantes. Voltando de uma dessas entrevistas comecei a pensar em gravar os depoimentos. Ao longo que a matéria foi tomando corpo, as ideias foram surgindo, toda redação entrou no clima”, completou a repórter Mayra Bandeira.

Ao todo, dez jornalistas da Redação Multimídia gravaram um depoimento cada. Algumas choraram durante a leitura.

Para o editor executivo do Ga-

zeta Online, Aglisson Lopes, as jornalistas conseguiram imprimir emoção e informação.

“Com o vídeo, tínhamos medo de parecermos mais que a história das vítimas. Aglisson veio então com a ideia de chamar outras mulheres da redação para participar. Isso resolveria o nosso receio de que os vídeos ficassem focados na gente, e mostraria o engajamento das mulheres, a união para contar as histórias e a empatia delas com as vítimas”, conclui a repórter Katilaine Chagas. Acesse www.gazetaonline.com.br.



Profissionais gravaram depoimentos de vítimas de estupro

ESTUPRO COLETIVO

ADVOGADA DE MENINA QUER SAÍDA DE DELEGADO

Ela disse que a vítima de estupro foi acuada pelo policial

RIO

➤ A advogada da jovem de 16 anos que foi vítima de um estupro coletivo na zona oeste do Rio de Janeiro vai pedir o afastamento do delegado Alessandro Thiers das investigações.

Segundo a advogada Eloísa Samy Santiago, o titular da Delegacia de Repressão aos Crimes de Informática (DRCI) teria conduzido o interrogatório de forma inadequada.

“Ele perguntou à vítima se ela tinha por hábito participar de sexo em grupo”, contou. “Incomodam a misoginia e o machismo do delegado”, acrescentou. A jovem prestou um segundo depoimento à polícia na noite de sexta-feira. Após meia hora de relato, começou a chorar e a se dizer envergonhada, o que levou a polícia a interromper os trabalhos.

Segundo a advogada, o episódio foi antes da pergunta em questão. Além de Thiers, participaram do interrogatório a delegada Cristiana Bento, da Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente Vítima (DCAV), e um inspetor de polícia da DRCI, que é psicólogo, de acordo com a advogada.

Cristiana e o inspetor tiveram um comportamento exemplar, ao contrário de Thiers, disse Eloísa.

O Ministério Público do Rio de Janeiro vai analisar o pedido feito pela defesa da adolescente. “O depoimento teria sido muito mais produtivo sem ele”, disse a advogada.

No primeiro depoi-

mento, ainda na madrugada de quinta, a adolescente contou que foi visitar o namorado no sábado no morro da Barão, na Praça Seca, zona oeste carioca, e só se lembra de ter acordado no dia seguinte, “dopada e nua”, em uma casa desconhecida e cercada pelos agressores. Só soube na terça-feira que um vídeo com imagens suas após o estupro circulava nas redes sociais e em sites de relacionamento.

Foi a divulgação do vídeo que despertou a atenção das autoridades e que levou à distribuição do caso para a Delegacia de Repressão aos Crimes de Informática (DRCI).

Na tarde de sexta-feira, os delegados Alessandro Thiers e Cristiana Bento concederam entrevista ao lado do chefe da Polícia Civil, Fernando Veloso. Durante a entrevista, o caso chegou a ser tratado pelos delegados como “suposto estupro”, e Thiers declarou que a polícia tinha diversas linhas de investigação, inclusive para verificar “se houve ou não estupro”.

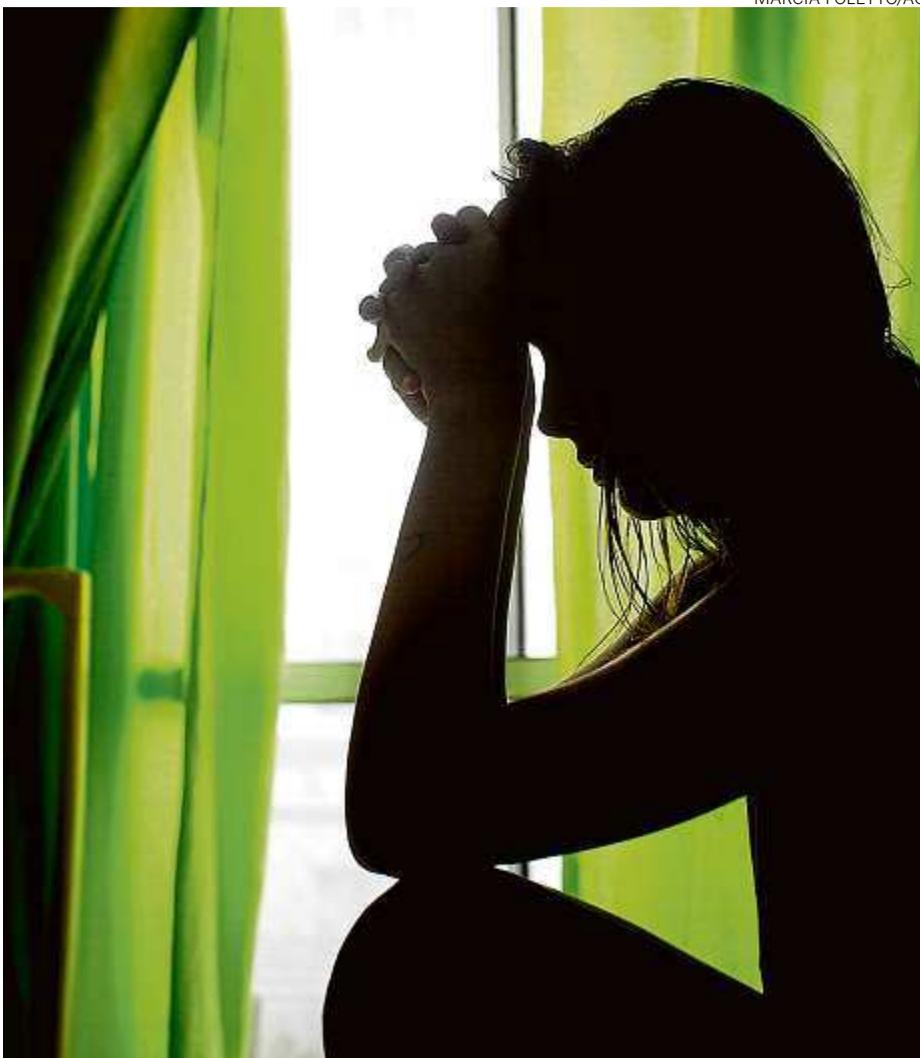
O chefe de Polícia esclareceu depois que a polícia trabalha com indícios. “Há indícios veementes de que houve estupro, mas não podemos afirmar ainda se houve ou não, ou de que forma houve. Não podemos nos basear no ‘ouvi dizer’. Só o exame de corpo de delito vai apontar se houve estupro ou não”.

Apesar de suspeitos já terem sido identificados, a polícia não pediu a prisão de nenhum deles.

PAULO CAMPOS/AE



Comportamento de Thiers foi considerado machista



MÁRCIA FOLETTO/AG

Adolescente foi violentada por 33 homens em comunidade no Rio de Janeiro

Suspeito de estupro é liberado após depoimento na delegacia

DIVULGAÇÃO/POLÍCIA CIVIL

➤ A Polícia Civil ouviu ontem mais um homem suspeito de envolvimento no caso do estupro coletivo. Detido durante uma operação da Polícia Militar na comunidade São José Operário, na Praça Seca, ele foi levado para a Cidade da Polícia, de onde foi liberado após prestar depoimento. Outros dois suspeitos foram ouvidos na sexta-feira.

A assessoria da Polícia Civil disse não ter informações sobre o depoimento dele. Conforme informou a GloboNews, a participação dele no caso não foi confirmada. Esta foi a segunda vez que a PM fez buscas na comunidade para coleta de provas. De acordo com a corpo-



Cama que fica na casa onde aconteceu o estupro

ração, ontem foram recuperados três carros roubados e apreendidos 1.482 papalotes de cocaína e 2.179 porções de maconha, além de detido o suspeito que foi conduzido pa-

ra esclarecimentos. Na sexta, a polícia localizou o imóvel onde a jovem teria sido vítima dos abusos. No local a polícia apreendeu roupas e material usado para a endolação de drogas.

“Parem de me culpar”, diz vítima

➤ A adolescente de 16 anos que foi vítima de um estupro coletivo no Rio apagou seu perfil no Facebook no fim da tarde de ontem. Mais cedo, ela voltou a usar a rede social para refutar acusações de que busca apenas atrair atenção com sua história e pediu: “parem de me culpar”.

Ao longo do dia, suas postagens mais recentes foram enchidas de comentários depreciativos, tanto de homens quanto de mulheres, criticando seu comportamento e acusando-a de não ter sido estuprada.

Alguns chegavam a oferecer links para os vídeos do crime, que foram gravados e publicados pelos agressores nas redes sociais.

CAMPANHA

A adolescente aderiu à campanha “Eu luto pelo fim da cultura do estupro”, colando os dizeres acima de sua foto de perfil no Facebook. A jovem ainda pediu que parem de culpá-la pela violência sofrida. “A culpa nunca é da vítima”, escreveu. “Não, eu não quero mídia, não não fui eu que postei fotinha (sic) muito menos vídeo! Então parem de me culpar quem errou e procurou não fui eu!”, disse a menina, que relatou ter sido atacada por 33 agressores.

MÍDIA

“Não, eu não quero mídia, não não fui eu que postei fotinha (sic) muito menos vídeo”

VÍTIMA DE ESTUPRO
16 anos